

## Nomes populares das plantas cultivadas nos quintais

Luciana Vieira Pinheiro<sup>1</sup>

Raimunda Benedita Cristina Caldas<sup>2</sup>

**RESUMO:** este artigo faz parte dos estudos realizados pelo Projeto de pesquisa “A itinerância do léxico na região do Caeté”. O propósito desta pesquisa é a de levantar o léxico das plantas cultivadas nos quintais que compõem o bioma dessa região. Nessa investigação verificam-se nos nomes populares as variações, bem como são descritas as informações sobre os saberes da população no que diz respeito à utilidade, manipulação e elaboração dessas plantas no tratamento de enfermidades, assim como na utilização de sua prática alimentar.

**PALAVRAS-CHAVE:** plantas, Região do Caeté, saberes populares, nomes populares.

### Introdução

Embora algumas obras constituam acervos de plantas do Brasil, ainda são poucas tendo em vista a riqueza que se opera nesse campo. Além disso, as espécies apresentam denominações diferentes de um lugar para outro, gerando certa obscuridade a respeito delas. Muitas espécies, ainda não catalogadas, perdem-se pela falta de cultivo e atenção, ou mesmo são ignoradas por quem não as conhece. Por conseguinte, muitos conhecimentos sobre as espécies são perdidos, uma vez que esses saberes não são conservados. Concorre também para isso o fato de as comunidades tradicionais tenderem, cada vez mais, a substituir as atividades familiares pelas atividades de comércio ou de outra natureza.

A atenção dispensada nesta investigação leva em conta que os nomes populares vinculam o modo como o homem se relaciona com o meio. Por meio da nomeação das espécies é possível depreender características, propriedades e até mesmo efeitos que esses vegetais possuem. Para que essa relação do homem com as espécies se efetive, há uma condição básica, a apreciação sobre o reino vegetal, fato que constitui o caráter de cientificidade perante o mundo. A compreensão do contato do homem com a natureza fortalece os indícios da apreensão desses saberes. Lévi-Strauss em sua obra “O pensamento selvagem” assegura que

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras. Bolsista Pibic – Interior. [lu\\_cv17@hotmail.com](mailto:lu_cv17@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Linguística (UnB). Mestre em Linguística (UFPA). Professora da UFPA - Campus Bragança. [criscaldas@ufpa.br](mailto:criscaldas@ufpa.br)

Para transformar uma erva silvestre em planta cultivada, um animal selvagem em doméstico, para fazer aparecer, num ou noutro, propriedades alimentícias ou tecnológicas que, na origem, estavam completamente ausentes, ou mal podiam ser suspeitadas; para fazer de uma argila instável, pronta a esboroar-se, pulverizar-se ou a rachar-se, uma louça sólida e estanque (mas somente com a condição de haver determinado, entre uma multidão de matérias orgânicas e inorgânicas, a mais própria para servir de detergente, assim como o combustível conveniente, a temperatura e o tempo de cozimento, o grau de oxidação eficaz); para elaborar as técnicas, muitas vezes longas e complexas, que permitissem cultivar sem terra, ou então sem água, transformar grãos ou raízes tóxicas em alimentos, ou então, ainda, utilizar essa toxidade para a caça, a guerra, o ritual, foi preciso, não duvidamos, uma atitude de espírito verdadeiramente científica, uma curiosidade assídua e sempre desperta, uma vontade de conhecer pelo prazer de conhecer, porque uma pequena fração apenas das observações e das experiências (às quais é preciso supor que tenham sido inspiradas, então, e sobretudo, pelo gosto de saber) poderiam dar resultados práticos e imediatamente utilizáveis. (LÉVI-STRAUSS, 1997, p.18)

Acresce-se que este levantamento objetiva reunir em material terminográfico as informações obtidas a partir do contato com as comunidades do Caeté, a fim de descrever sobre os conhecimentos locais, evidenciando, sobretudo, os aspectos inerentes às nomeações dos termos. Pretende-se organizar em glossários terminológicos os verbetes que descrevam o conhecimento cultivado por essa comunidade. Assim, compreendendo-se que a definição dos glossários assenta-se no reconhecimento sobre determinado termo, a partir de sua nomeação, é necessário identificá-la como “Sistema de distinções recíprocas que servem para descrever conceitos pertinentes aos termos” (FAULSTICH, 2001). Portanto, é válido relacioná-la ao contexto, uma vez que este confere a legitimação de sentido à explicação do verbebo.

Para exemplificarmos o referido levantamento, destacamos considerações sobre dois domínios terminológicos para o tratamento dos nomes populares cultivados nos quintais: o das plantas medicinais e sobre as plantas usadas na alimentação.

### **As plantas medicinais: investigações preliminares**

As discussões acerca das denominações populares e científicas referentes às plantas de uso medicinal (curadoras de doenças) ganham destaque neste estudo. De fato, há espécies, que pelo fato de ainda não serem catalogadas, suscitam maior atenção. Nesse caso, o nome popular é a única identificação sobre essas espécies. Contudo, como os nomes populares variam em diferentes espaços, há riscos de se fazer confusões sobre os nomes dados a essas plantas. Logo, ocorrem equívocos sobre a identificação dessas espécies, assim como sobre o estatuto das variações encontradas a respeito dessas espécies entre as comunidades falantes.

O referido artigo foi desenvolvido com base em estudos e pesquisas feitas sobre o uso, a importância da medicina popular e as denominações dadas às plantas encontradas em quintais das comunidades da região do Caeté, bem como de pesquisas realizadas no projeto “A itinerância do léxico na região do Caeté” do Campus Universitário de Bragança. As pesquisas desenvolvidas dedicaram-se a levantamentos de nomes populares e científicos referentes às plantas encontradas nas comunidades pesquisadas.

Somando-se a estes referenciais, os estudos anteriores realizados pelo Curso de Biologia também foram importantes para a realização deste artigo, como o que trata de plantas medicinais, de Freitas (2005), e inventário etnobotânico de quintais urbanos, de Silva (2011) e, do Curso de Letras, a pesquisa terminológica sobre plantas que curam, de Freitas (2011).

### **Dos benefícios do uso à importância das denominações**

Mesmo ainda sendo poucas as pesquisas relacionadas ao estudo lexical das plantas medicinais, assim como sua importância no uso popular, isso parece estar mudando, e o interesse por esta temática está sendo despertado nos últimos anos. Afinal, há muito que se aprofundar no que se relaciona a essa área de pesquisa.

Esses estudos lexicais são importantes porque contribuem para o reconhecimento dessas plantas de uso medicinal popular, que precisam de um lugar na história, afinal é de suma importância o registro dos termos utilizados, sem mencionar a grande contribuição da sistematização desses saberes para as comunidades cultivadoras. Além disso, deve-se levar em consideração o poder dessas ervas para o tratamento de doenças. Um poder de cura que, para quem as usa e tem grande fé, é maior do que qualquer medicamento oriundo de farmácias. Não se deve esquecer ainda a grande contribuição da medicina popular para com a medicina científica, mesmo que essa contribuição não sendo, muitas vezes, reconhecida.

É fato que essa prática, ou seja, a cura por meio das plantas já não se dá com tanta frequência. Em outros tempos, quando as comunidades ainda não tinham acesso aos remédios desenvolvidos em indústrias farmacêuticas, empresas especializadas, as doenças eram, assim como algumas ainda são, curadas por plantas cultivadas nos quintais das casas. A fé dos cultivadores de que se teria a cura por meio dessas plantas era predominante, até porque elas realmente proporcionavam curas, das crianças aos mais antigos. E essa ideia perdurava, pois se iam nascendo novas gerações, esses saberes iam sendo repassados pelos mais antigos, e assim, sucessivamente. Porém, com a industrialização e tecnologia em altas, a cura por meio de plantas já não acontece com a mesma frequência de antes.

Contudo, a familiaridade com que comunidades têm convivido com as plantas medicinais aponta para a questão onomástica. As comunidades as nomeiam pela necessidade de estabelecer sua classificação e categorização. É preciso que uma planta receba uma denominação que a identifique com as propriedades nela inerentes. Logo, para quem identifica uma espécie com o nome popular há uma aparente feição individual. No entanto, há uma construção coletiva que impulsiona essa relação. Silva (2004) nos fornece essa integração do seguinte modo:

As mentes individuais não são entidades autónomas, mas corporizadas-encarnadas e altamente interactivas com o seu meio; e é através desta interacção e acomodação mútua que a cognição e a linguagem surgem, se desenvolvem e se estruturam. Não existe, pois, propriamente linguagem humana independentemente do contexto sócio-cultural. Mas não é menos verdade que a linguagem reside primariamente nas mentes individuais, sem as quais a interacção linguística não poderia ocorrer. (SILVA, 2004, p.6)

Assim, os aspectos da nomeação popular são sociointerativos e, por conseguinte, reúnem na linguagem muitas informações que transitam entre os conhecimentos adquiridos pela experiência, ao longo do tempo, dos que reconhecem tais espécies e o saber que delas são traduzidos à comunidade em questão. Portanto, as orientações socioterminológicas asseguram amparo a questões relacionadas aos aspectos extralinguísticos. Na nomeação é frequente que as informações sobre o entorno social sobressaiam, especialmente sobre muitos aspectos sócio-históricos

Para falar de socioterminologia é preciso, antes de tudo, situar a terminologia no espaço da interação social. No Brasil, por exemplo, a história da terminologia se confunde com a formação da sociedade brasileira por meio da mistura de falares dos habitantes naturais da terra e dos que para cá vieram. Vejam-se, nos dicionários, termos da fauna e da flora, como indicadores da terminologia indígena no português brasileiro, também termos relativos ao sincretismo religioso, à culinária, às credices, à música, entre outros termos populares, com marcas de origem africana, bem como termos emprestados, expressões híbridas e decalcadas. Assim sendo, não é novidade dizer que a diversidade da cultura brasileira aparece refletida na terminologia cotidiana. (FAULSTICH, 2006).

### **As denominações Científica e Popular**

É certo que, atualmente, as plantas possuem seu nome científico, mas em outros tempos era difícil descobri-los, isso porque todo o processo de identificação é demorado e muito se precisa para então, dar ao certo, o nome científico à planta. Então, a população tratava de nomeá-las do seu jeito, mas vale ressaltar que esse processo de nomeação pela população não é, nem era feito de qualquer forma, sem detalhes, muito pelo contrário. Cada nome tem relação com a

planta, seja pelas suas folhas, raízes, cheiro, seja por outras particularidades encontradas nelas, sendo que estes nomes podem variar de comunidade para comunidade. Essa variação encontrada depende de uma série de fatores envolvidos. Para Pedralli *et all* (2002), uma mesma planta pode receber diversas denominações de um região para outra, assim como também pode haver apenas uma denominação comum para diversas plantas.

A busca pela identificação de uma planta suscita conhecê-la por suas propriedades e, se houver motivações para denominações tão distintas de um lugar para outro, certamente ocorre por se tratar de algum aspecto do reconhecimento que coloque à mostra, na nomenclatura popular, o quando de sua aplicabilidade e familiaridade com essa comunidade. Os nomes populares aproximam o conceito da forma pelas experiências contidas na planta denominada.

### **Os nomes populares: o nome nas relações de saberes**

A relação entre os saberes cultivados com a experiência, desenvolvida ao longo dos anos é incontestável, sobretudo por entendermos que em cada área há um valor diferenciado imprimido em tais conhecimentos. Assim, evidencia-se que a população tradicional vincula-se ao saber tradicional, pois

As ações práticas vivenciadas na relação homem/natureza possibilitam aos indivíduos a formulação e acumulação do conhecimento. Neste sentido, entende-se que as ações práticas vivenciadas por componentes de populações tradicionais, no meio natural, permitem a elaboração de diversos saberes, os quais se originam na experiência cotidiana, possibilitando assim o seu acúmulo pelos sujeitos (LIMA, 2009).

Uma vez vinculada ao saber tradicional, a população tradicional – todo grupo comunitário humano, normalmente rural –, estabelece com sua terra uma convivência de acordo com seu modo e tradição, em conformidade com seu ecossistema. Nessa relação, entre conservar e preservar há ressignificação de valores e saberes, os quais, herdados pelos ancestrais, são perpassados por meio da educação tradicional, oralmente (LIMA, 2009).

Das plantas cultivadas nos quintais, encontram-se também, além das medicinais, as que servem como alimentos, uso artesanal, entre outras que também recebem nomes populares. Mas, como as denominações dadas às plantas medicinais possibilitam na presente pesquisa um levantamento mais amplo sobre o estatuto do nome popular, portanto, é o foco principal deste artigo. Vale ressaltar que pouco ainda se discute sobre essa temática, o que justifica a importância e a necessidade de se desenvolver mais estudos relacionados a essa área de estudos. Até porque se sabe que a língua está sempre em mudanças, e esses termos podem desaparecer com o tempo, o que torna indispensável o registro dos mesmos.

Tem ocorrido certa tendência nessa área da medicina popular a recorrência a nomes já conhecidos no campo farmacêutico. Portanto, esse estreitamento de relações das plantas cultivadas com fins medicinais com as pesquisas de princípios ativos dessas plantas para cura de doenças ativa a nomenclatura farmacêutica dos termos reconhecidos pelas comunidades que as utilizam, aparecendo nomes de plantas como ‘coramina’, ‘tetraciclina’, ‘cibalena’ entre outros.

### Os nomes de remédios encontrados nos quintais

Destacamos neste trabalho alguns nomes populares de plantas medicinais, a fim de estabelecer um estudo lexical que evidencie generalidades e particularidades desses nomes na região estudada – uma parte do Caeté, compreendendo as investigações na área de Bragança. Nesses lugares de cultivo foram recorrentes os seguintes termos de plantas medicinais.

#### A farmácia no quintal

**Anador**, **Meracilina** e **Cibalena** são nomeações que evocam nomes de remédios da farmácia. Portanto, se há necessidade desses medicamentos, a natureza os fornece em plantas para que as práticas sejam parte do mesmo sistema de tratamento. Os chás costumam ser feitos em consonância com a prescrição das ‘cuidadoras’<sup>3</sup> das ervas, fato que constitui evidência da relação entre a medicina baseada no saber tradicional e a medicina considerada ciência convencional. Aqui vale considerar que a pesquisa realizada em comunidades rurais, bem como no espaço urbano, conta com a participação apenas de mulheres nessa atividade.

#### Aromas e terapias para o corpo e a alma

**Esturaque**, **Catinga de mulata** (*Tanacetum parthenium* (L.) Sch. Bip.), **Manjerona** **Manjericão** (*Ocimum basilicum* L.) e **Malva-rosa** enquadram-se em tipos de plantas, cujos aromas são inconfundíveis. Do mesmo modo que a Arruda, essas ervas fazem parte dos banhos para aliviar dores de cabeça. Manjericão também é recomendado para curar gripe. O nome Malva-rosa é um nome composto, no qual o segundo elemento determina a caracterização do aspecto mais evidente na planta, o perfume.

Os males da alma como mal olhado, doença espiritual, ‘doença ruim’<sup>4</sup> também podem ser tratados com as ervas: **Cabi**, **Benvená**, **Cipó-d’alho**, **Espada de São Jorge** (*Sansevieria trifasciata* Prain), **Mucuracaá** e **Vergamota** (variante Bergamota<sup>5</sup>). Cabi aparece como indicação de banho para bruxaria. Benvená, indicado também para problemas do coração, banho para gripe, não consta em estudos anteriores à presente pesquisa, por isso a dificuldade para localizá-la

<sup>3</sup> A atividade de cultivo e manipulação das plantas medicinais é exclusivamente feminina nessa região.

<sup>4</sup> Nesse contexto doença ruim significa o que tira a lucidez, transtorna uma pessoa.

<sup>5</sup> Em Houaiss (2010) **bergamota**: design. comum a plantas odoríferas de várias fam., esp. da fam. das labiadas.

nesse universo vegetal, talvez pelo fato de a conhecerem, em outro lugar, com outro nome. Vergamota é descrita como a erva que cura ‘doença feia’ (espiritual). Esta planta, por ser mais aromática distancia-se nessa propriedade das demais deste grupo, já que as outras plantas exalam um odor bastante forte. A Mucuracaá<sup>6</sup>, por sua vez, é identificada pelo odor forte e o nome, de origem Tupi, pode ser traduzido para o português como mucura do mato.

**Beliscão** indicado como banho de cheiro. Como ainda não há referência sobre essa planta nos manuais consultados, aguardamos um estudo mais detalhado para estabelecer sua classificação, mediante suas propriedades de forma e de tratamento e, certamente, sobre a variação quanto ao nome popular da planta.

### **Plantas para curar as doenças do corpo**

Dentre os nomes de plantas relacionados a dores de cabeça, destacam-se na pesquisa mencionada neste artigo: anador (*Alternanthera dentata* (Moench)), arruda Sabina, arruda do sertão (*Ruta graveolens* L.), catinga de mulata (*Tanacetum parthenium* (L.)), esturaque, meracilina ou cibalena, manjerona e Malva-rosa. Essas plantas costumam ser preparadas em forma de chás, embora em alguns casos é preparado um banho para a cabeça. As plantas denominadas arruda Sabina e arruda do sertão parecem pertencer à mesma família, porém as especificidades não diversificam as propriedades medicinais, pois ambas são indicadas para tratar dores de cabeça.

Para as dores que culminam em derrames ou qualquer doença que indique má circulação ou paralisias, há indicações de **Arruda** e **Aipo**. Aparecem dois tipos de arruda: **Arruda do sertão** e **Arruda Sabina**. Nos dois nomes a indicação é a mesma: dor de cabeça, aspecto que precisa de maior investigação para esclarecer se a mudança de nome é apenas um caso de variação do nome e não da espécie. Vale lembrar que essas plantas têm sido utilizadas na manipulação de remédios farmacêuticos.

A paralisia é nomeada como ‘doença apanhada’ e o remédio pode ser, além do chá, a aplicação da infusão de folhas de arruda e do aipo na parte do corpo afetada. A **cattinga de mulata** também é utilizada nessa preparação.

As dores abdominais são tratadas com **elixir paregórico** (*Piper callosum* Ruiz & Pav.), planta, que à semelhança do remédio de farmácia, possui as mesmas propriedades para combater cólicas.

---

<sup>6</sup> Caa: Ka’a – de origem Tupi = mato, floresta.

**Vassourinha** (*Scoparia dulcis* L.), indicada para curar cocceira, tem um nome sugestivo, dada a sua característica morfológica, à semelhança de um espanador. Muito conhecida pelas comunidades da zona bragantina, é usada em banhos para aliviar cocceira da catapora<sup>7</sup>.

**São Raimundo** (*Bryophyllum pinnatum* (Lam.) Oken) apresenta-se no combate às dores de estômago, úlceras. Essa planta apresenta na mesma região variação em sua denominação, conhecida também como **Pirarucu**, que é indicada para tratar infecção urinária. Nesse caso, a indicação também apresenta variação, embora a espécie seja a mesma.

**Nambubutano** (*Eleutherine bulbosa* (Mill.) Urb.) apresenta como variação a forma **marupazinho**<sup>8</sup> e é indicado para o tratamento de hemorroidas e diarreias, além de funcionar como diurético.

**Canarana** (*Costus spicatus* (Jacq.) Sw.) tem em seu nome o sufixo *-rana*, de origem Tupi, que indica semelhança, similitude com cana. As especificidades **canarana mansa** e **canarana do igapó** aparecem na descrição do vegetal, porém não distinguem propriedades específicas de uso, uma vez que são indicadas para tratar infecção urinária.

**Quebra-pedra** também é indicada para infecção urinária e a nomeação parece indicar o efeito que a planta causa sobre os cálculos renais, esse efeito é o identificador do vegetal.

**Coramina** (*Pedilanthus tithymaloides* (L.) Poit.), planta que apresenta propriedades que atuam contra os problemas do coração, apresenta o mesmo nome de um medicamento farmacêutico indicado para esse problema.

**Insulina** aparece também na lista de remédios cultivados, sua ação terapêutica é a mesma da farmácia, a insulina. Para o mesmo problema também é indicada **Pata de vaca**, neste caso o nome está relacionado ao formato da folha, com semelhança com a pata de uma vaca.

Já em **Pau de colher** aponta-se para o tratamento de febres, contudo ainda não possível precisar a espécie dessa planta nesta pesquisa. O nome refere-se à planta que é usada para fazer artefatos culinários de madeira, principalmente a colher de pau.

O cultivo de **Aguardente** em planta, indicado para o tratamento de derrame, também necessita de uma verificação mais cuidadosa e habilitada pelos biólogos. De antemão, o uso da planta favorece o alívio dos sintomas, tanto em infusões para beber, como para banhar. Nestes casos, por se referir a questões da etnobotânica, a pesquisa desenvolvida ainda é incipiente, cuja construção de estudos se efetiva à medida que o contexto interdisciplinar do projeto permite.

<sup>7</sup> Também conhecida como varicela. Na região do Caeté há referência somente à denominação catapora.

<sup>8</sup> No levantamento de Freitas (2011) há variação entre os nomes Nambututano e Marupazinho entre as ervas usadas em Tamatateua e Caratateua, assim como entre São Raimundo e Pirarucu e Cibalena e Meracilina



O **Trevo cumaru** (*Justicia pectoralis Jacq.*) é indicado para dor no ouvido. A especificidade distingue-a de outro trevo, também denominado Trevo roxo.

**Urubucaaá**, nome formado por composição de urubu ‘ave’ + caá ‘mato’, é indicado para dor de barriga e gases. A nomenclatura favorece a identificação do contexto de saberes tradicionais de povos indígenas na região. Ainda que desconheçamos a relação do nome com as características da planta, tendemos a associá-la a uma espécie nativa.

**Repelente** foi outra planta encontrada em um quintal em Tamatateua. De origem exógena, o nome reflete a ação da planta no meio, serve de repelente natural. Assim denominada, a identificação da espécie ainda não foi concluída, embora sua comercialização tenha crescido em virtude da necessidade de uso dessa planta.

**Pariri** é indicado para tratar anemia, inclusive aparece com referência ao tratamento de leucemia. A planta é nativa da Amazônia, tem origem indígena e, de acordo com as mulheres que preparam o remédio, a planta apresenta efeitos muito eficazes no combate às doenças indicadas.

### **Sobre as plantas que tratam do espírito**

Das observações feitas nos estudos do léxico das plantas medicinais na região do Caeté, foi dado enfoque especial a algumas plantas que chamam atenção pelo seu nome popular, assim como o mal de que tratam e como são reconhecidas por seus cultivadores. Sabe-se que cada comunidade nomeia as coisas e seres de acordo com as suas necessidades, mas o que despertou curiosidade em relação às determinadas plantas que curam foi o modo como as senhoras cultivadoras das mesmas dão nomes àquelas que tratam do espírito. Temos como exemplos as plantas: “Afasta espírito”, que serve para curar possessão de espírito, bem como indica seu próprio nome; “Vergamorta”, a qual trata também de doenças espirituais, ou, como bem dizem os cultivadores, “doença apanhada e doença feia”; e, por último, a planta “Espada de São Jorge” que é usada em banho para espantar bruxarias. (Fonte: FREITAS, 2011, p. 44, 47, 50). Percebe-se que o nome dessas plantas tem relação direta com o mal que curam, principalmente a planta “Afasta espírito”, a qual deixa bem claro para que serve. Por conta disso, entende-se que os cultivadores nomeiam tais ervas de acordo com o mal curado por elas e características das mesmas, como tamanho das folhas, coloração, entre outras.

### **Alimento e remédio**

As plantas usadas como alimento também podem ser utilizadas como remédio em algumas situações. A partir de uma mesma planta é possível que certos preparos façam com que

o alimento combata algum mal. Nem sempre é fácil que nos refiramos a algum alimento de origem vegetal sem que possamos associá-lo a indicação de algum benefício para o bem estar físico e mental. É comum a correlação entre algumas espécies vegetais com essas propriedades. Estabelecemos uma amostra no quadro a seguir:

USO			
Nome	Medicinal: Indicação e parte usada	Alimentar	Origem
<b>açaí</b> ( <i>Enterpe oleracea</i> Martius)	diarreia e hemorragia (fruto)	alimento	Nativa
<b>abacate</b> ( <i>Persea americana</i> Mill.)	hepatite (caroço)	alimento	Exótica
<b>cafeeiro</b> ( <i>Coffea arábica</i> L.)	febre (folha)	alimento	Exótica
<b>cajueiro</b> ( <i>Anacardium occidentale</i> L.)	disenteria (casca)	alimento	Exótica
<b>chicória</b> ( <i>Eryngium foetidum</i> L.)	dor de barriga (folha)	tempero	Exótica
<b>graviola</b> ( <i>Annona muricata</i> L.)	diabetes (folha)	alimento	Exótica
<b>goiabeira</b> ( <i>Psidium guajava</i> L.)	diarreia (broto)	alimento	Exótica
<b>mamoeiro</b> ( <i>Carica papaya</i> L.)	empachamento (flores)	alimento	Exótica
<b>manjeriço</b> ( <i>Ocimum basilicum</i> L.)	gripe, banho de cheiro (folha)	tempero	Exótica

Quadro I: alimento e remédio

A utilização dessas espécies vai além da retirada de frutos ou folhas para alimentação. Das propriedades do cajueiro, por exemplo, há o aproveitamento da casca da árvore, do broto para alguma infusão, da castanha – o fruto propriamente dito e da polpa para feitura de sucos, doces, licores. Assim, nas plantas, consideradas em um todo, há propriedades, já conhecidas pelas pessoas da comunidade, que servem tanto para a mesa, quanto para curar uma enfermidade, a saber, as feridas das crianças são lavadas com um banho feito com a casca do caju.

Nomes de plantas cultivadas nos quintais pesquisados e que servem de alimentos na região do Caeté não diferem muito de outras regiões da Amazônia. São cultivadas, além das espécies destacadas no quadro, macaxeira, tomate (considerado como legume), pimentas e as espécies de mandioca, estas por possuírem propriedades ácidas necessitam de um processamento mais específico para a fabricação da farinha.

Há um cultivo mais específico, apenas em alguns redutos de comunidades, o da mandiocaba, variedade de mandioca, que é usada na fabricação de mingau, conhecido como ‘manicoera’ ou ‘mandicoera’.

## Considerações

A pesquisa se efetivou com as visitas aos quintais das comunidades de Caratateua, Tamatateua e Vila que era. As entrevistas, realizadas com o aporte de um questionário etnobotânico<sup>9</sup>, serviram de base para ampliar conhecimentos sobre os nomes populares de plantas usados nessas comunidades. Além das questões que permitiram traçar uma ficha terminológica para catalogar essas espécies da região, como denominação, definição, variantes, forma de uso, origem, indicação, as questões de natureza socioterminológicas foram levantadas, nelas foi possível analisar o perfil de cada informante, as condições de cultivo e de elaboração de produtos com essas plantas.

Considerando-se que o gênero da atividade com as plantas medicinais é feminino, variando a idade de 40 anos a 70 anos e que a aprendizagem depende, em muito, das experiências repassadas de geração em geração, é louvável que, mesmo com as condições de sustentabilidade mantido pela família, as pessoas que desenvolvem essa prática criem classificações, mesmo que ainda não reconhecidas nas classificações ditas 'científicas'. **Afasta espírito**, por exemplo, ainda prescinde de classificação com nome científico, porém há uma relação de cura dessa planta que evidencia experiências, emolduras a partir da própria denominação, pois a planta é usada para afastar os males do espírito, as doenças que conseguem diagnósticos na estrutura física do homem. Basta lembrar a discussão apontada por Lévi-Strauss acerca da ciência do concreto

A verdadeira questão, não é saber se o contacto de um bico de picanço cura dores de dentes, mas, se é possível, de certo ponto de vista, fazer juntos "irem" o bico do picanço e o dente do homem (congruência, cuja fórmula terapêutica não constitui mais que uma aplicação hipotética, entre outras) e, por intermédio desses agrupamentos de coisas e de seres, introduzir um princípio de ordem no universo; porquanto a classificação, qualquer que seja, possui uma virtude própria em relação à falta de classificação. (LÉVI-STRAUSS, 1997, p.18)

A investigação abrange outros campos de conhecimento sobre as plantas, como o de uso alimentar, o de componente de artefatos entre outros. As experiências com esses vegetais, às vezes, combinam a fonte de alimentação com determinadas receitas que também são indicadas a questões para solução de males. Um exemplo disso é a alfavaca (*Ocimum gratissimum* L.) utilizada como condimento e ao mesmo tempo remédio para banhar crianças.

---

<sup>9</sup> O questionário é de uso dos alunos do Curso de Biologia.

A mostra dessas espécies aponta serem oriundas, em sua maioria, de outros lugares, apenas uma parte é de origem nativa da Amazônia. Essa particularidade é um indício de que as variações também estão sujeitas a representar estatutos de espécies que, pelo fato de serem incorporadas ao local, oferecem poucas informações a quem as manipula.

## Referências

- FAULSTICH, Enilde. *Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista*, UnB, 2001.
- \_\_\_\_\_. “A Socioterminologia na Comunicação Científica e Técnica”, 2006 [em linha]. [acessado em 03-01-2010]. Disponível na www: < URL: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a12v58n2.pdf>
- FREITAS, Jussara Costa de. Importância das plantas medicinais para a comunidade de Enfarrusca, município de Bragança, Pará. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas), Universidade Federal do Pará, Bragança, 2005.
- FREITAS, Patrícia Maria de. Plantas que curam: um estudo lexical nas comunidades de Caratateua e Tamatateua. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras), Universidade Federal do Pará, Bragança, 2011.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Tradução Tania Pellegrini. 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- LIMA, Walter Chile Rodrigues. Saber tradicional: suporte para o exercício da territorialidade de uma comunidade no estuário amazônico. Belém: UFPA. Revista Ensaio Geral, v. 1, n. 1, jan./jun. 2009, p. 155 – 165.
- PEDRALLI, Gilberto *et al.* Uso de nomes populares para as espécies de *Araceae* e *Dioscoreaceae* no Brasil. Horticultura Brasileira, Brasília, v. 20, n. 4, p. 530-532, dezembro 2002.
- SILVA, Augusto Soares. Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva, In: \_\_\_\_\_; TORRES, Amadeu e GONÇALVES, Miguel (orgs.), *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Coimbra: Almedina, vol. I, 2004, pp.1-18.
- SILVA, Cleyriane Miranda da. Inventário etnobotânico em quintais urbanos do município de Bragança-Pará, Brasil. 2011. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas), Universidade Federal do Pará, Bragança, 2011.

### ABSTRACT:

This article belongs to the studies performed by the Research Project: “The itinerancy of the lexicon in the region of Caeté”. The proposal of this research is to present the lexicon of the plants grown in the backyards which compose the bioma of this region. In this investigation, we observe the variations within the popular names as well as their descriptive the information about the people’s knowledge related to the utility, manipulation and elaboration of these plants in the treatment of diseases and in their alimentary practice.

**KEY WORDS:** plants, Caeté’s region, people’s know-how, popular names